

REENCONTRO
literatura

Oscar Wilde

**O Fantasma
de Canterville**
uma novela e três contos

Tradução e adaptação em português de

Rubem Braga

Ilustrações de

**Juan José Balzi
e Wanduir Duran**



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Cristina Carletti
Antonio Hansen Terra

Revisão
José Roberto David Segantini,
M. Estela Heider Cavalheiro,
Angelo Alexandref Stefanovits e
Thiago Barbalho

Coordenação de Arte
Antonio Tadeu Damiani

Programação visual de capa
Didier Dias de Moraes

Ilustração de capa
Wanduir Duran

Ilustração de miolo
Juan José Balzi



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP
CEP 05425-902

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2015

ISBN 978-85-262-8339-8 – AL

ISBN 978-85-262-8340-4 – PR

CAE: 262929 AL

Cód. do livro CL: 737975

10.^a EDIÇÃO

1.^a impressão

Impressão e acabamento



Traduzido e adaptado de "The Canterville Ghost", "The Remarkable Rocket", "The Star-Child" e "The Birthday of the Infanta", in *The complete illustrated stories, plays and poems of Oscar Wilde*. Londres: Chancellor Press, 1986.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilde, Oscar, 1854-1900.

O Fantasma de Canterville: uma novela e três contos / Oscar Wilde; adaptação em português de Rubem Braga. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Braga, Rubem, 1913-1990. II. Título. III. Série.

97-1760

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Oscar Wilde?</i>	5
O Fantasma de Canterville	9
1	9
2	14
3	19
4	28
5	34
6	40
7	46
O Foguete Notável	53
O Filho da Estrela	71
O aniversário da Infanta	95
<i>Quem foi Rubem Braga?</i>	120

QUEM FOI OSCAR WILDE?

Paris, 30 de novembro de 1900 – morre solitário, pobre e quase esquecido Oscar Wilde, que tinha sido o escritor de maior destaque na cena literária britânica do fim do século XIX. Sua fama se devia a doses proporcionais de talento e escândalo. Pelo primeiro atributo, sobreviverá eternamente; pelo segundo, conheceu o inferno nos seus últimos anos de vida.

Nascido em Dublin, Irlanda, a 15 de outubro de 1856 (alguns estudiosos afirmam que a data correta seria 16 de outubro de 1854; outros apontam o ano de 1855), Oscar Fin-gall O’Flahertie Wills Wilde desde cedo se sobressaiu tanto pela inteligência quanto pelo temperamento difícil e anticonvencional. Tendo iniciado seus estudos em sua terra natal em 1865, distinguiu-se por seus sólidos conhecimentos da língua e da literatura grega clássica, que lhe valeriam alguns prêmios e colaborariam para que conseguisse uma bolsa de estudos, graças à qual se transferiria para Oxford em 1874.

Durante a vida acadêmica, continuou o mesmo implacável e agudo crítico de tudo e todos que lhe parecessem medíocres, mas seu brilho, espírito e mordacidade tornavam seus ditos e sua conversação irresistíveis. Tornou-se o principal propagador do recém-surgido *Movimento Estético*, criado pela nova geração de intelectuais britânicos, com o fim de substituir o ranço, o mau gosto e o tradicionalismo das artes da época vitoriana por uma postura renovadora, corajosa e antiburguesa – não no sentido econômico, mas moral.

Ao cabo desse período de formação, durante o qual conquistou as mais elevadas distinções, publicou seus primeiros escritos (de inspiração clássica) e realizou suas primeiras viagens à Itália e Grécia, fixando-se em Londres no ano de 1879. Tornou-se uma personalidade conhecidíssima e muito comentada

em toda a cidade, graças aos seus dotes já famosos e cada vez mais aguçados, e também à sua aparência: de elevada estatura, vestia-se extravagantemente, com roupas e adereços que, segundo ele, refletiam seu interior. Causava um certo choque, um pouco de escândalo, mas era presença obrigatória em eventos sociais importantes, não obstante seu desprezo à hipocrisia dominante e sua coragem de conduzir sua vida pessoal como melhor lhe conviesse.

A produção intelectual de Wilde teve sequência com Vera, texto para teatro, e a publicação de seus *Poemas*. Em 1882 viajou pelos Estados Unidos, onde realizou uma série de palestras que alcançaram grande repercussão. No ano seguinte visitou Paris e travou conhecimento com grandes expoentes do mundo artístico francês, como os escritores Victor Hugo, Émile Zola e Stéphane Mallarmé, e os pintores Degas e Pissarro.

Em 1884 casou-se com Constance Lloyd, sua conterrânea, com a qual teria dois filhos; entretanto, os rumores sobre sua vida "irregular" já ganhavam corpo. Nos anos de 1887 e 1888 publicou, entre outros contos e novelas, *O Fantasma de Canterville* e *O príncipe feliz e outras histórias*, narrativas com tema e estrutura semelhantes aos dos contos de fadas, mas com uma carga de ironia, amargura e – não raro – humor cruel que as tornaram muito apreciadas sobretudo pelo público adulto.

Seu prestígio cresceria ainda mais nos anos seguintes, quando foram encenadas algumas de suas peças mais famosas, como *O leque de Lady Windermere*, *Uma mulher sem importância* e *Salomé*; complementou esse período de triunfo artístico a publicação de seu único romance e sua obra-prima: *O retrato de Dorian Gray*.

Entre muitos sucessos e alguns poucos fracassos, a tragédia pessoal eclodiu em 1895: foi julgado e condenado por manter uma ligação íntima com o jovem lorde Alfred Douglas.

A mesma aristocracia que havia tolerado muitas de suas provocações agora encontrava uma forma legal de puni-lo, obrigando-o a dois anos de trabalhos forçados, declarando-o falido e ignorando seus escritos. Na prisão, escreveu duas pungentes obras: *A balada do cárcere de Reading* e *De profundis*.

Ao ser libertado, Wilde transfere-se para a França, onde passou a viver isolado, em hotéis baratos, destruindo-se lentamente através do absinto. Não voltaria a ver seus filhos, que trocaram de sobrenome, nem sua mulher, que morreria em 1899, um ano antes dele.

Anos mais tarde, sua produção voltou a ser reconhecida e o estigma que a encobriu, relativamente esquecido. Sua vida privada tem interesse apenas enquanto elucidadora de certos aspectos de sua obra; não a engrandece além dos seus méritos evidentes e, de modo algum, minimiza a sua importância.

Os quatro textos reunidos nesta edição, integralmente traduzidos por Rubem Braga, fornecem uma boa amostra do estilo wildeano, bem como dos temas caros ao autor.

O Fantasma de Canterville

1

Quando o Sr. Hiram B. Otis, o Ministro americano, comprou o Castelo de Canterville, todos lhe disseram que estava fazendo uma grande tolice, pois não havia qualquer dúvida de que o lugar era mal-assombrado. Na verdade, o próprio Lorde Canterville, que era homem da mais escrupulosa honradez, sentira-se no dever de mencionar o fato ao Sr. Otis ao discutirem os termos do negócio.

– Nós mesmos não quisemos mais morar ali – disse Lorde Canterville – desde que minha tia-avó, a Duquesa Viúva de Bolton, levou um susto tão grande que lhe causou um ataque do qual jamais se recuperou totalmente, ao sentir as duas mãos de um esqueleto pousarem em seus ombros no momento em que se vestia para o jantar. Sinto-me, assim, no dever de informar-lhe, Sr. Otis, que o fantasma tem sido visto por vários membros ainda vivos de minha família e também pelo vigário da paróquia, o Reverendo Augustus Dampier, que se formou no King's College, em Cambridge. Depois do lamentável acidente ocorrido com a Duquesa, nenhum dos criados mais novos quis permanecer conosco, e não raro Lady Canterville mal pôde dormir à noite por causa dos ruídos misteriosos que vinham do corredor e da biblioteca.

– Meu Lorde – respondeu o Ministro –, ficarei com os móveis e o fantasma, pelo preço do mercado. Venho de um país moderno, onde temos tudo que o dinheiro pode comprar. Como os nossos animados jovens andam agitando o Velho Mundo e levando para nossas terras as melhores atrizes e primas-donas europeias, concluo que se houvesse na Europa algo como um fantasma logo o teríamos em um dos nossos museus públicos, ou exibido em uma feira.

– Receio que o fantasma exista – disse Lorde Canterville, sorrindo –, embora possa haver resistido às investidas dos seus diligentes empresários. Ele é bastante conhecido há três séculos, precisamente desde 1584, e sempre faz sua aparição antes da morte de algum membro da nossa família.

– Ora, isso o médico da família também faz, Lorde Canterville. Mas fantasmas não existem, senhor, e creio que as leis da natureza não costumam ser suspensas em favor da aristocracia britânica.

– Os senhores, na América, certamente são muito naturais – respondeu Lorde Canterville, que não chegara a entender muito bem a última observação do Sr. Otis – e, se não se importam em ter um fantasma em casa, então está tudo bem. Só quero que se lembre de que o avisei.

Poucas semanas depois, o negócio foi formalizado e, ao fim da estação, o Ministro e sua família foram para a propriedade de Canterville. A Sra. Otis, que quando ainda era a Srta. Lucretia R. Tappan, da Rua 53 Oeste, fora uma famosa beldade de Nova Iorque, era agora uma atraente mulher de meia-idade, com belos olhos e um perfil soberbo. Muitas senhoras americanas, ao deixarem a terra natal, adotam a aparência de quem sofre de uma enfermidade crônica, achando que isto é uma forma de refinamento europeu, mas a Sra. Otis jamais incorreu nesse engano.

Tinha uma compleição magnífica e uma belíssima dose de vitalidade animal. Na verdade, em muitos aspectos era totalmente inglesa, e constituía um excelente exemplo de que, hoje em dia, a Inglaterra tem realmente tudo em comum com os Estados Unidos, exceto a língua, é claro. O filho mais velho, batizado de Washington pelos pais num momento de patriotismo que ele jamais cansou de lamentar, era um rapaz louro, de boa aparência, que se qualificara para a diplomacia americana por haver dirigido as atividades sociais do cassino de Newport em três temporadas sucessivas, e até mesmo em Londres era muito conhecido como excelente dançarino. Suas únicas fraquezas eram as gardênia e a aristocracia. Fora isso, era bastante sensato. A Srta. Virginia E. Otis era uma mocinha de quinze anos, esbelta e adorável como uma corça, e dos seus imensos olhos azuis emanava uma grande liberdade. Excelente amazona, uma vez vencera Lorde Bilton em uma corrida de duas voltas em torno do parque, chegando à estátua de Aquiles com um corpo e meio de vantagem. Isso despertou tal entusiasmo no jovem Duque de Cheshire que ele lhe propôs casamento na mesma hora, sendo recambiado pelos tutores para o colégio de Eton na mesma noite, banhado em lágrimas. Depois de Virginia vinham os gêmeos, conhecidos pelo apelido de Estrelas e Listras¹. Eram meninos encantadores e, com exceção do digno Ministro, os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como o Castelo de Canterville está a sete milhas de Ascot, a mais próxima estação da estrada de ferro, o Sr. Otis telegrafou pedindo que enviassem uma carruagem para buscá-lo, e todos partiram na maior alegria. Era uma agradável tarde de julho, e o ar recendia delicadamente à

¹ No original, *The Stars and Stripes*, alusão à bandeira americana.

fragrância dos pinheiros. De quando em quando, ouviam o arrulho orgulhoso de um pombo selvagem, ou divisavam, por entre a ramagem farfalhante das samambaias, o brilho de ouro polido do peito de um faisão. Pequenos esquilos os espreitavam dos galhos das faias, e os coelhos escapuliam céleres no meio do mato rasteiro ou por sobre as elevações cobertas de musgo, com o rabinho branco no ar. Mas, quando chegaram à entrada de Canterville, o céu repentinamente ficou carregado de nuvens, uma estranha imobilidade pareceu envolver a atmosfera, um bando de galinhas passou em silenciosa revoada sobre suas cabeças e, antes que alcançassem a casa, começaram a cair grossos pingos de chuva.

De pé na escadaria para recebê-los, estava uma velha mulher trajando um vestido de seda negro, touca e avental brancos. Era a Sra. Umney, a governanta, que a Sra. Otis, a pedido de Lady Canterville, concordara em manter no cargo. À medida que desciam da carruagem, ela fazia a cada um uma profunda reverência, saudando-os à maneira antiga:

– Sejam bem-vindos ao Castelo de Canterville.

Seguindo-a, atravessaram o vestíbulo em estilo Tudor até a biblioteca, uma sala comprida e de teto baixo, com lambris de carvalho negro, em cuja extremidade se abria uma grande janela de vidraças coloridas. Ali encontraram o chá já na mesa e, após tirarem as capas, sentaram-se e começaram a olhar em volta, enquanto a Sra. Umney os servia.

De repente, a Sra. Otis reparou em uma mancha vermelho-escura no assoalho, bem ao lado da lareira, e, ignorando totalmente o seu significado, disse à Sra. Umney:

– Acho que derramaram alguma coisa ali.

– Sim, senhora – respondeu a velha governanta, em voz baixa. – Derramaram sangue ali.